

**IDENTIDADE NORDESTINA: DISCURSOS E REFLEXÕES A PARTIR DA  
OBRA VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS**

Bruna Vitor dos Santos

Graduanda/UEPB

brunnavitor@gmail.com

Orientadora: Manuela Aguiar Araújo de Medeiros

manuela.aguiar@gmail.com

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objeto de estudo a discussão acerca da construção da identidade nordestina a partir da obra *vidas secas*, de Graciliano Ramos, bem como a análise de um espaço territorial o qual denominamos de Nordeste. Todavia para tal análise se faz necessária a compreensão do espaço temporal, no qual a obra se insere, chamando a atenção para a narrativa que se desenvolve, por um lado a partir de um fator climático a “seca”, e por outro pelas condições de vida pelas quais passam os personagens, resultando desta forma na constituição do Nordeste enquanto lugar desfavorecido. Contudo partindo deste pressuposto será observado ainda o fortalecimento das construções imagético-discursiva em torno da região Nordeste colocando-a como “flagelada”, “pobre”, “atrasada”, por conseqüências climáticas, além de construir-se ainda por discursos políticos, que acabam por criar estereótipos e preconceitos que recaem sobre o ser nordestino, este que figura a imagem de um personagem “rude”, “pobre” e “desprovido de educação”, entretanto estes discursos se constituem a fim de mostrar as desvantagens desta região em relação às demais, tanto nos aspectos de industrialização quanto de urbanização, especialmente se comparada a São Paulo, tida como “desenvolvida”. Para embasar tal análise utilizei como suporte teórico-metodológico, ALBUQUERQUE JÚNIOR (2009), para compreender a invenção do Nordeste a partir da análise dos discursos, MAINGUENEAU (2006), para analisar como um discurso torna-se constituinte, ao mesmo tempo em que cria suas

próprias condições de legitimidade, HALL (1999), para entendermos a constituição da identidade nordestina, FOUCAULT (2002), para avaliar como as relações de poder podem influenciar na constituição dessa imagem de Nordeste que nos é conhecida. Nesta perspectiva, será a identidade nordestina uma construção? E quanto à imagem vinculada ao Nordeste, terá se constituído a partir de discursos, sendo estes políticos? E por fim poderemos analisar a imagem do Nordeste por meio das relações de poder?

Palavras-chave: Identidade nordestina, Discursos, Estereótipos.

Ao imaginarmos o Nordeste, acabamos por pensar em uma porção territorial que fora, em um dado momento, pertencente à fração Norte. Por outro lado quando limitamo-nos a esse espaço enquanto região, começamos a entrar em toda uma construção discursiva que viabilizou o processo de separação desta extensão territorial enquanto região. Assim o Nordeste passa a ser percebido por uma série de fatores, dentre os quais a seca, tem um papel primordial, e esta por sua vez constrói um Nordeste enquanto “pobre” e “flagelado”.

Porém para promover uma análise historiográfica que aborde o Nordeste e a problemática da seca, me proponho aqui a tecer uma discussão sobre a obra literária, “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Considerando o contexto histórico, pode-se dizer que o Nordeste surge da separação com o Norte, a partir da instituição imaginária que prevê uma porção nortista atingida por secas periódicas, que, por conseguinte se distingue do antigo espaço regional que compunha o bloco denominado de Norte.

Entretanto torna-se perceptível que bem mais que problemas históricos o Nordeste é concebido através de construções discursivas. Considerando esta perspectiva, Graciliano Ramos trás sua parcela de contribuição, embora o mesmo não deixe explícito essa intenção, em sua obra “Vidas secas”, há uma construção do real que acaba por sofrer impactos discursivos, uma vez que torna-se meio de propagação discursiva, ao mesmo tempo em que provoca naqueles que lêem, uma forma de pensar a construção do Nordeste a partir do problema da seca e, conseqüentemente, como “pobre” e “atrasado” se relacionado a um Sul “desenvolvido”.

Vale ressaltar que “Vidas secas” é um romance dividido em treze capítulos, sendo cada um desses relacionados a um dos personagens que compunha a obra integral, que por sua vez são vistos como o centro de um círculo, já que a trama é contada em meio a duas secas que se apresenta no início e no fim da obra.

A obra narra a trajetória de uma família de nordestinos, de nomes, Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia, que migram à procura de um lugar para ficar, em meio à seca, aos caracterizá-los como “infelizes”, o autor acaba por causar um impacto, levando o leitor a construir uma imagem de “desgraça” e “miséria” que fazem parte da vida dessa família e que será descritos ao longo da trama.

Ao tratar do território, alguns trechos elaborados pelo autor, proporcionam-nos a abstração de um lugar de clima “seco”, e conseqüentemente difícil a qualquer tipo de sobrevivência, criando ainda imagem de um local marcado pelo abandono, com poucas pessoas, vegetação sem vida e com escassez de água. Já os personagens, são descritos como sofrendores de fome e sede exorbitante, essa leitura influencia a constituição de uma imagem de região como um todo, generalizando o Nordeste e criando para ele estereótipos de “miséria”.

O fechamento da obra, “Fuga”, retoma a mesma visão que se tinha no primeiro capítulo, colocando como foco a fuga da família, porém a seca descrita era irreversível, fator este que levava a família a migrar novamente, agora para o Sul, lugar encarado como de oportunidades, e conseqüentemente, despertava o desejo de conseguir melhores condições de sobrevivência.

Considerando a idéia de Nordeste e do ser nordestino descrito na obra de Graciliano Ramos, podemos analisar essa construção como fazendo parte de uma construção das elites políticas, e dos letrados desta mesma área, em conseqüência do descontentamento da elite açucareira e algodoeira da região, pelo fato de virem perdendo espaço econômico no mercado internacional, e para os cafeicultores do Sul, estes que detinham maior influência política, uma vez que o sul era lugar onde se concentravam as decisões políticas.

A respeito da construção do Nordeste enquanto região afirma Albuquerque Júnior (2009, p. 81), “O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877[...]”.

Sendo assim pode-se dizer que as estiagens relatadas nesta região desde o período colonial, ou seja, o fenômeno ocorrido entre 1877 e 1879 não representava nenhum estranhamento para a região, porém neste período como afirma Albuquerque Júnior (2009, p. 83), esta seca tinha sido “a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa e a atingir setores médios dos proprietários de terra”, esta seca fez parte

de um momento de crise econômica e política da elite nortista, que se utilizou desta estiagem para mobilizar um volume considerável de recursos, como ajuda para as “vítimas do flagelo”.

Entretanto esta elite, tratou de proporcionar uma repercussão deste fenômeno a nível nacional com a finalidade de provocar uma sensibilização, principalmente com o auxílio da imprensa, causando grande impacto com divulgação de fotografias feitas do que se começa a se chamar de “flagelados”, desta forma a seca tornou-se um tema central no discurso regionalista do Norte. A partir desses argumentos políticos o problema da seca acabou por gerar recursos que seriam destinados amenizar a situação dos “flagelados” da seca, porém os mesmos passaram a alimentar apenas o que conhecemos como a “indústria das secas”, e estas são alimentadas com o “discurso da seca”. Após a separação com o Norte, esta porção territorial denominada de Nordeste, foi ganhando significados e imagens, a partir de construções de políticos, jornalistas, romancistas, historiadores enfim, a partir de construções discursivas, que a constituíram a partir da imagem da seca.

Portanto, pode-se dizer que há também uma construção da problemática nordestina ao referir-se a busca das particularidades regionalistas, o caracterizando como “pobre”, se o relacionar ao pioneirismo da industrialização e urbanização do Centro-Sul, especialmente São Paulo. A esse respeito Albuquerque Júnior (2009, p. 57) afirma, “O regionalismo paulista se configura, pois, como um ‘regionalismo de superioridade’, que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua descendência européia e branca”.

Ao identificar o Sul como o exemplo a seguir-se, tendo em vista seu padrão de desenvolvimento e sua centralização política, mais uma vez o Norte encontra-se em desvantagem. Partindo dos discursos em torno do Nordeste podemos dizer como afirma Foucault (2002, p. 2), “Em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, seleccionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel de exorcizar-lhe os poderes e os perigos”.

A partir deste pressuposto, há nos discursos a respeito do Nordeste uma institucionalização, sendo esta responsável por construir imagens e estereótipos, que tornam-se cada vez mais aceito, atendendo a sua finalidade de legitimação, assim sendo afirma ainda Foucault (2002, p. 2), “[...] sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito”. Contudo o discurso e o interdito que o atinge, revela seu vínculo ao desejo e

o poder. Por assim dizer os discursos tornam-se naturalizantes à medida que como afirma Albuquerque Júnior (2009, p. 57), “as linguagens não apenas representam o real, mas instituem reais”, e os discursos por sua vez não se enunciam, mas inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimar.

No entanto considerando ainda os discursos que constroem o Nordeste de forma estereotipada, afirma Maingueneau (2006, p. 60), a respeito dos discursos constituintes, “‘Discurso constituinte’ designa fundamentalmente os discursos que se sobrepõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma”. Os discursos que se legitimaram em torno do Nordeste, assim o fizeram pelo fato de terem atingido um alcance global, ao mesmo tempo em que o consumo deste permitiu que seus valores fossem expressos e aceitos pela sociedade.

Contudo a partir da legitimação desse discurso torna-se possível ainda a construção de uma identidade nordestina que como afirma Hall (2005, p. 47), “Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial”. Desta forma podemos dizer que não nascemos com uma identidade formada, mas que ela é construída a partir de um sistema de representação cultural, fazendo de cada indivíduo um membro da cultura nacional.

A respeito desta perspectiva discute Gellner (1983, p.6) citado por Hall (2005, p.48), “A idéia de um homem (sic) sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas”. Os discursos, bem como as narrativas que tentam caracterizar o Nordeste, acabam construindo em cada membro da sociedade valores que serão encarados como “naturais” desenvolvendo em cada um o sentimento de pertencimento a nação, e neste caso como pertencente a uma região.

Esta caracterização pode ser encarada ainda como fruto de uma tradição inventada como discute Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9), “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”

Considerando o conceito de “tradições inventadas”, percebemos que ao longo da construção do Nordeste enquanto região e espaço geográfico, foram se fomentando valores que passaram a ser encarados como naturalizados promovendo desta forma um comportamento através da repetição, que resultaram em grande medida dos discursos

como afirma Hall (2005, p. 50), “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações [...] é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.

Os valores atribuídos ao objeto, Nordeste, bem como as representações e símbolos, o legitima, e como afirma Albuquerque Júnior (2009, p. 62), “O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país”. Portanto a construção da identidade nordestina resulta dos vários discursos em torno da mesma, que procuram uma legitimidade, ao mesmo tempo em que buscam verdades a serem institucionalizadas, e como discute Foucault (2002, p. 4), “Esta vontade de verdade, tal como os outros sistemas de exclusão, apoia-se numa base institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas [...]”.

Vale salientar que existe uma instituição discursiva das coisas, na qual atribuímos valores e significados, sendo que a partir da busca pelas particularidades regionalistas, entramos em um processo de representação entre o “eu” e o “outro”. Essa atitude em relação ao outro, pode ser identificada também em relação ao Nordeste, tendo em vista que esses discursos partem principalmente das regiões tidas como “desenvolvidas” e/ou “superiores”, sendo esta aceitação de inferioridade, uma prática discursivamente elaborada.

Por fim a obra “Vidas secas” de Graciliano Ramos acaba construindo uma imagem estereotipada do Nordeste, ao mesmo tempo em que constrói uma identidade nordestina voltada para “pobreza” e “miséria”, legitimando ainda que de forma implícita o discurso político que tenta mostra uma região de poucos recursos, e por este motivo “flagelada”, alimentando cada vez mais o discurso de “inferioridade”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo:Cortez, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Ciberfil literatura digital, 2002. p. 1-23.

HALL, Stuart. As culturas Nacionais como comunidades imaginadas. In: *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed .Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 47-65.

HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence (Orgs) . A Invenção das Tradições. In: *A invenção das Tradições* . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9-23.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário como discurso constituinte. In: *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 59-71.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 58ª Ed. Rio, São Paulo: Record, 1986.